

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
7 de julho de 2022

ALENTEXAS / 2021

Realização: Duarte Laranjo, Adriana SáCouto / **Assistência de Realização:** Duarte Moreira / **Argumento:** Duarte Laranjo / **Fotografia:** Adriana SáCouto, Duarte Laranjo / **Som:** Pedro Gonçalves / **Música:** Luís Reis, Pedro Gonçalves, Rodrigo Lima / **Montagem:** Adriana SáCouto, Duarte Laranjo, Duarte Moreira / **Correção de cor:** Duarte Laranjo / **Elenco:** Duarte Pinto da Mata.

Produção executiva: Inês Pinto / **Produção:** EmFim - Associação do Artista / **Apoio:** Câmara Municipal de Monforte / **Cópia:** Ficheiro digital, cor, 10 minutos.

WETSUIT / 2022

Realização e argumento: João Salgado / **Diretor de fotografia:** Pablo Garrido Carreras / **Direção de arte:** Gabriela Nemésio Nobre / **Som:** Ali Kivanç Güldürür / **Assistente de realização:** Alice Nascimento / **Fotógrafa de cena:** Ana Paganini / **Cinematografia aquática:** Matt Snelling / **Montagem de som:** Tiago Cardoso, Dinis Henriques / **Música:** ded hed (Scuffle), Glória (Sétima Legião) / **Guarda-roupa:** Índia José de Mello (Arranca Corações) / **Montagem:** Hannah Owen / **Design dos títulos:** Madalena Espírito Santo / **Transcrição:** Diogo Tavares-Gravato / **Tradução:** José Manuel Salgado / **Elenco:** João Maria Gaivão, João Berberan Nuno Lopes, Kristian V. Sousa, José Maria Bispo, Maria Chaves, Martim Feron, Simão Silva, Eva Fisahn, Gonçalo Apolinário.

Produção: London Film School, Maria Martins / **Co-produtora:** Mathilde Jouaud / **Assistente de produção:** Diogo Tavares-Gravato / **Cópia:** DCP, cor, versão original sem legendas, 19 minutos

NOS MOMENTOS BONS / 2020

Realização: Pedro Gavina Maia / **Assistente de Realização:** Nuno do Lago / **Design dos Títulos:** Joana Coelho / **Mistura de Som:** Vicente Molder / **Cópia:** Ficheiro digital, cor, 25 minutos.

Com a presença dos realizadores

ALENTEXAS

Sinopse

Existem, entre os lugares imaginários, lugares que nunca vamos encontrar. Mas o homem encontra-o, desvenda-o num mapa onde ele próprio escreveu: Alentexas. O homem tem uma pá. E, atravessando uma aldeia, num passo assertivo e desassossegado, expressa o contraste com a paisagem. O homem caminha com uma pá, percorre a aldeia, e dirige-se para a planície. Com uma pá, o homem só pode procurar um tesouro.

Nota de intenções

“Parménides respondia que o leve é positivo e o pesado, negativo. Tinha razão ou não?” (Milan Kundera).

Normalmente, as personagens dos filmes carregam consigo uma ambição. Pode ser uma ambição profissional, uma necessidade de vingança, uma procura amorosa... Poucas vezes se escrevem histórias sobre quem procura apenas ser leve.

Alentexas é um lugar fictício. Em nenhum lugar no mundo real é possível encontrar dinheiro em qualquer buraco que se escave. Contudo, aqui, o difícil é desenterrar o vazio. O objetivo é não encontrar.

Inspirado no livro “A Insustentável Leveza do Ser” de Milan Kundera, esta curta-metragem pretende dar uma possível resposta à contradição peso-leveza. Sim, o leve é positivo. É, contudo, algo exclusivo deste lugar fictício.

Duarte Laranjo, Adriana SáCouto

WETSUIT

Sinopse

Num estacionamento desolado à beira-mar, três jovens surfistas tiram um fato e vestem outro enquanto cumprem os rituais do seu crescimento.

Nota de intenções

Wetsuit é um auto-retrato fragmentado no sentido de que o nosso 'eu' é composto de vários 'eus' - como um novo fato que vestimos dependendo de onde estamos na vida ou com quem estamos.

Na sua essência, **Wetsuit** apresenta três histórias e personagens aparentemente não relacionados para explorar as suas semelhanças. É como se o que acontece com uma personagem tivesse acontecido ou vai acontecer com os outros. Nesse sentido, eles compartilham as mesmas perguntas sobre o peso do que pode significar ser um homem.

Wetsuit explora os fantasmas que assombram a identidade masculina. Divididos entre a vida em terra e a vida no mar, esses jovens são atormentados pelo tipo de homem que serão - que fato usarão? Nesta terra de ninguém, temos os fantasmas da história, das mulheres, da intimidade e do macho alfa.

João Salgado

NOS MOMENTOS BONS

Um outro filme existiu antes deste na minha cabeça, e foi só com a frustração de o ver impossível de concretizar que o **Nos Momentos Bons** surgiu. De forma a não cometer os mesmos erros, procurei o novo filme nos seus meios de produção. O orçamento com que tive o privilégio de o poder autofinanciar, ainda que escasso, possibilitou-me um assistente de realização na equipa técnica, mais uma designer. Adicionalmente, procurei o aparelho que me daria mais versatilidade para os meus futuros projetos, e juntou-se o gerador à equipa.

Partindo para a exploração, comecei de forma intuitiva a filmar todos os momentos de processo e só depois percebi que estava neles a essência do filme. Descobri que quando um criador perde todos os outros meios, a procura é o seu único tema completamente irremovível. Pareceu-me um contrassenso que na incerteza de um jovem criador como eu, incapaz de definir um estilo próprio, sem financiamento para qualquer infraestrutura de produção, se procurasse desde logo dogmas e certezas artísticas. Decidi mostrar não o que sei, mas o que descobri.

Com alguma atenção, descobrimos que este cinema independente existe despercebido a toda a nossa volta, e a sua energia revitaliza. Penso na Maria José Silva, que realizava enquanto era dona de uma queijaria; no Cinema Fulgor, que organiza projeções em aldeias alentejanas; em todas as salas e realizadores independentes que conseguiram pensar no seu trabalho sem ter o barómetro apertado do “comercializável” em mente. Resistem à pressão das grandes distribuidoras e do circuito de festivais, crescem com a comunidade e fazem-na crescer. Trazem novas perspetivas e formatos, ajustam-se a outros médiuns. Alteram hábitos e mentalidades, estorvam a gentrificação.

A produção e exibição independente é também uma em que o público choca perpendicularmente com o evento, de forma que o constituem. Os filmes da sessão de hoje apresentam essa mesma criação de urgência que os faz conectarem-se entre si e com o espetador, independentemente do quão diferentes são. Produção e a realização tornam-se um só e tudo o que vemos no ecrã se reduz e eleva a várias iniciativas. Torna-se tão belo porque há algo de tão maior no tentar.

Regozijo-me em criar em total incerteza, motivado por pequenos e vagos impulsos, com a curiosidade infantil de levantar uma pedra para ver o que está por debaixo. Como é aquele mar, e à noite, e transformado em imagem pela GoPro? Que sons e figuras vou pescar com a câmara e como é que fica o meu vulto se eu entrar com ela no mar? Talvez é outro contrassenso dizer que não me importa assim tanto a resposta, ou melhor digo, a beleza dela. Ficou tudo entretanto imbuído de uma nova energia mais relevante: a do esforço, a da paixão, a do independente. Não me parece já que aquele outro filme seja para mim.

Pedro Gavina Maia